



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **O FEMININO FABRICADO EM CORPOS ADOLESCENTES DE TRAVESTIS NUMA CIDADE DO INTERIOR DA BAHIA**

Celio Silva Meira  
Universidade Católica de Salvador (UCSal), Brasil  
Endereço eletrônico: [celiomeira2014@gmail.com](mailto:celiomeira2014@gmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

Verazmente, minha aproximação com o universo das *travestis* se deu por motivos óbvios. Primeiro, pela minha identidade enquanto homem *cis*, gay, “homem bicha”; segundo, ao longo das minhas andanças professorais sempre procurei aprender com e a partir das diferenças, acompanhando-as de perto; às vezes de longe, o processo de identidades que meus alunos gays afeminados construíam com relação aos seus corpos e com o feminino que performavam. Junto a isso, também acompanhei muitos de seus percursos no campo educacional, as violências às quais eram vitimados, anos letivos interrompidos, repetências, rechaçamento por parte de professores, funcionários e direção das escolas em que ousavam frequentar.

Com o passar dos anos, novas indagações e inquietações surgiram. Começo, então, ainda no curso de doutoramento a me dedicar aos estudos das temáticas de gênero e sexualidade, embora não tendo pesquisado a temática enquanto tese, especialmente, no que diz respeito ao campo da educação, sendo impulsionado por uma aproximação mais sistemática à bibliografia de cunho antropológico.

Ao mesmo tempo, fui desafiado pela Secretaria Municipal de Educação (SMEP) de Poções-BA, a coordenar um ciclo de formação de professores e coordenadores pedagógicos sobre a temática, envolvendo os estudos de gênero, sexualidades e educação no ano de 2018. Com isso, descortinou-me ainda mais o desejo de compreender acerca das práticas sociais das travestis, sobretudo, aquelas relacionadas aos usos e transformações dos corpos para sentirem-se mulheres. Com essa pesquisa, ainda em andamento, espero que ela possa contribuir para com uma maior ampliação acerca dos conhecimentos que temos sobre as pessoas que cruzam e deslocam as fronteiras do gênero.

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

Alinhando as minhas reflexões com o trabalho de Marcos Benedetti (2005), onde este problematiza que não havendo uma definição categórica para o termo travestis e sim uma polissemia de conceitos, é um termo em construção, o mesmo nos dá uma contribuição no sentido de que:

Travestis são aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina (BENEDETTI, 2005, p. 18)

Neste trabalho, nos interessa, enquanto foco central de análise, as denominações de travestis, a exemplo do conceito supracitado acima, não sendo foco para a minha análise as transexuais, ainda de acordo com o autor, “estas, reivindicam a cirurgia de mudança de sexo como condição *sinequa non* da sua transformação, sem a qual permaneceriam em sofrimento e desajuste subjetivo e social” (BENEDETTI, 2005, p. 18). As minhas interlocutoras, em nenhum momento das nossas entrevistas, disseram possuir o desejo de extirpar o pênis, uma vez que esse procedimento é muito caro, doloroso e requer toda uma adaptação fisiológica do corpo.

## **METODOLOGIA**

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura atual acerca da temática aqui exposta. Na busca dos dados de campo da pesquisa, fiz uso da entrevista, uma ferramenta importante que proporcionou o levantamento de várias informações relativas às travestis pesquisadas a partir de uma análise das informações contidas nas falas das mesmas. Para tanto, foi escolhida a entrevista semiestruturada, que aliou a formulação de questões prévias, com temas que surgiram no decorrer da discussão. Nossas interlocutoras são adolescentes e jovens que estão passando ou já passaram pelo processo de transformações do corpo masculino para o feminino, enquanto um processo de construção e/ou fabricação de uma imagem feminina na cidade de Poções-BA.

As entrevistas aplicadas foram iniciadas conforme orienta Montenegro (2013), com uma conversa de esclarecimento com a entrevistada, “para que esta entenda, por que, para que e para quem ela está relatando suas memórias”. Por trabalhar com a memória



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

oral e para registrá-la através de entrevistas, foi necessário que a fala da entrevistada fosse respeitada, ouvindo-a com atenção e de maneira consciente do fato de que a entrevistada não precisaria, necessariamente, atender a quaisquer expectativas teóricas ou metodológicas. Porém, no momento da transcrição dessas falas, foi feita a correção ortográfica de acordo com as normas da língua portuguesa.

Os roteiros das entrevistas foram elaborados anteriormente e com questões relativas aos níveis de conhecimentos e especificidades das entrevistadas em estudo, e realizadas entre os meses de março e abril de 2019. Os nomes das interlocutoras da pesquisa foram substituídos pelos nomes sociais das mesmas, embora, segundo elas, nenhuma tenha feito oficialmente a mudança de nome. Para este trabalho, ainda em construção, foram realizadas quatro entrevistas. Para a realização desta pesquisa, faz-se uso do recorte *etnográfico*, enquanto uma estratégia de análise e dos *estudos culturais*, “sendo este, um campo de pesquisa que examina como a vida das pessoas é moldada por estruturas repassadas historicamente de geração em geração” (ANGROSINO, 2009, p.28).

Os recursos metodológicos usados não seguiram regras rígidas, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, em que sua “diversidade e flexibilidade” não pediram regras fixas, sem, contudo, abrir mão do rigor metodológico.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nas palavras de Ferreira (2018), ainda carecemos de pesquisas que objetivem buscar compreender as relações, os modos de vida das travestis, pois, este campo ainda sofre de escassez em território brasileiro. É recente pesquisadores incluírem a temática das transformações de gênero em suas agendas de investigações. As Ciências Sociais, especialmente, a Antropologia tem, nos últimos anos, dado alguns passos, nos trazendo novos contornos às temáticas relativas às travestis; estas permaneceram e ainda permanecem, mesmo com algumas luzes, tendo sido jogadas nesta temática, na marginalidade. As pesquisas pioneiras neste campo são quase que exclusivas da medicina e da psicologia e, sob concepções da transformação do gênero, como um processo patologizante, quando não moral.

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

Segundo Guacira Lopes Louro (2003), é através das feministas anglo-saxãs que gênero passou a ser distinto de sexo, com o objetivo de rejeitar o determinismo biológico implícito no uso da categoria sexo. Uma dessas feministas, que ficou muito conhecida, é Joan Scott, com o seu texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, publicado originalmente em 1988.

O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política. Ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre essas características biológicas. (...) As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 2003, p. 26).

Aclarando a discussão proposta pela autora com os depoimentos coletados para esta pesquisa, percebemos o quanto o gênero é um processo de construção/fabricação social. Quando indagamos a uma das interlocutoras se ela se sentia uma mulher mesmo possuindo um órgão sexual masculino, vejamos:

*Sou totalmente menina, sou uma mulher; escolhi um nome social, Agatha Melissa, quando eu me transformei. Tem dois anos isso. Hoje, tenho 15 anos. Não é porque eu tenho um pênis que eu não me sinto mulher. Eu saio, bebo um pouco, no controle, gosto de me aparecer. Minha mãe me dar roupas femininas, calcinhas, por exemplo. Moro com minha mãe, sempre tenho pequenas discussões com ela, mas é tranquilo; mora eu, minha mãe, meu irmão e meu padrasto (Agatha, 15 anos).*

Na obra *Problemas de gênero*, Judith Butler (2017) z uma série de reflexões sobre o sistema sexo-gênero e cria o que ficou conhecida como teoria da performatividade de gênero. Uma das reflexões impetradas pela autora, diz respeito à separação estanque entre sexo (natural) e gênero (cultural). Com isso, compreensível o que a nossa interlocutora nos disse, que mesmo portando um pênis, ela se sente uma mulher.

Esse tipo de reflexão abriu caminho para Butler questionar a divisão estanque entre sexo e gênero, ou seja, o sexo, uma vez identificado, será sempre generificado e o gênero, pelas normas da nossa sociedade, é desde sempre sexualizado. A sociedade determina o gênero das pessoas pelo sexo. No entanto, questiona Butler, ninguém nos

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

garante que aquela mulher seja, necessariamente, alguém que possui um sexo lido como feminino. Através do pensamento de Butler, podemos concluir que pensar o gênero como algo determinado pelo sexo é uma operação que exclui, de forma violenta, uma série de outras identidades de gênero, em especial, as travestis, transexuais e outras identidades *trans*.

## CONCLUSÕES

Assim, além de obrigar que todos sejamos heterossexuais (heterossexualidade compulsória) ou que, mesmo que não sejamos heterossexuais, pelo menos estejamos enquadrados dentro das normas tidas como heterossexuais (heteronormatividade), a sociedade também nos obriga a ter um gênero tido como compatível com a materialidade dos nossos corpos (COLLING, 2013) “de fato habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum” (BUTLER, 2017, p. 199).

Ao falarmos de diversidade de gênero, evidenciamos que existem mais do que dois gêneros (homem e mulher, masculinidade e feminilidade). Como vimos, a sociedade, via de regra, trabalha para que todas as pessoas tenham apenas uma identidade de gênero, determinada pelo sexo, e que essa seja pura e tida como normal e natural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Corpos Travestis; Construção Social; Adolescentes.

## REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artemed, 2009.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro; Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

COLLING, Leandro. Mais visíveis e mais heteronormativos: a performatividade de gênero das personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo. In: COLLING, Leandro e THURLER, Djalma. **Estudos e políticas do CUS- Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade**. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 87-110.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

FERREIRA, Guilherme Gomes. **Vidas Lixadas**: crime e castigo nas narrativas de travestis e transexuais brasileiras. 1ª ed./Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

LOURO, Guacira Lopes *et al.* (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20(2), jul/dez 1995, p. 71-99. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> - Acesso em: 16 abril. 2019.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**